Pedro e a Pedra

uma aventura arqueológica no Ceará



texto Getúlio Alípio • ilustrações Jeferson Hamaguchi

IPHAN

Pedro e a Pedra

uma aventura arqueológica no Ceará

texto Getúlio Alípio • ilustrações Jeferson Hamaguchi

IPHAN

Fortaleza, 2018

SUMÁRIO

Prefácio 5

Introdução 9

Pedras e pedregulhos 15

Detetives em ação 27

Cacos, pedras e mil dinossauros 39

Patrimônio em apuros 65

PREFÁCIO

Carlos Etchevarne

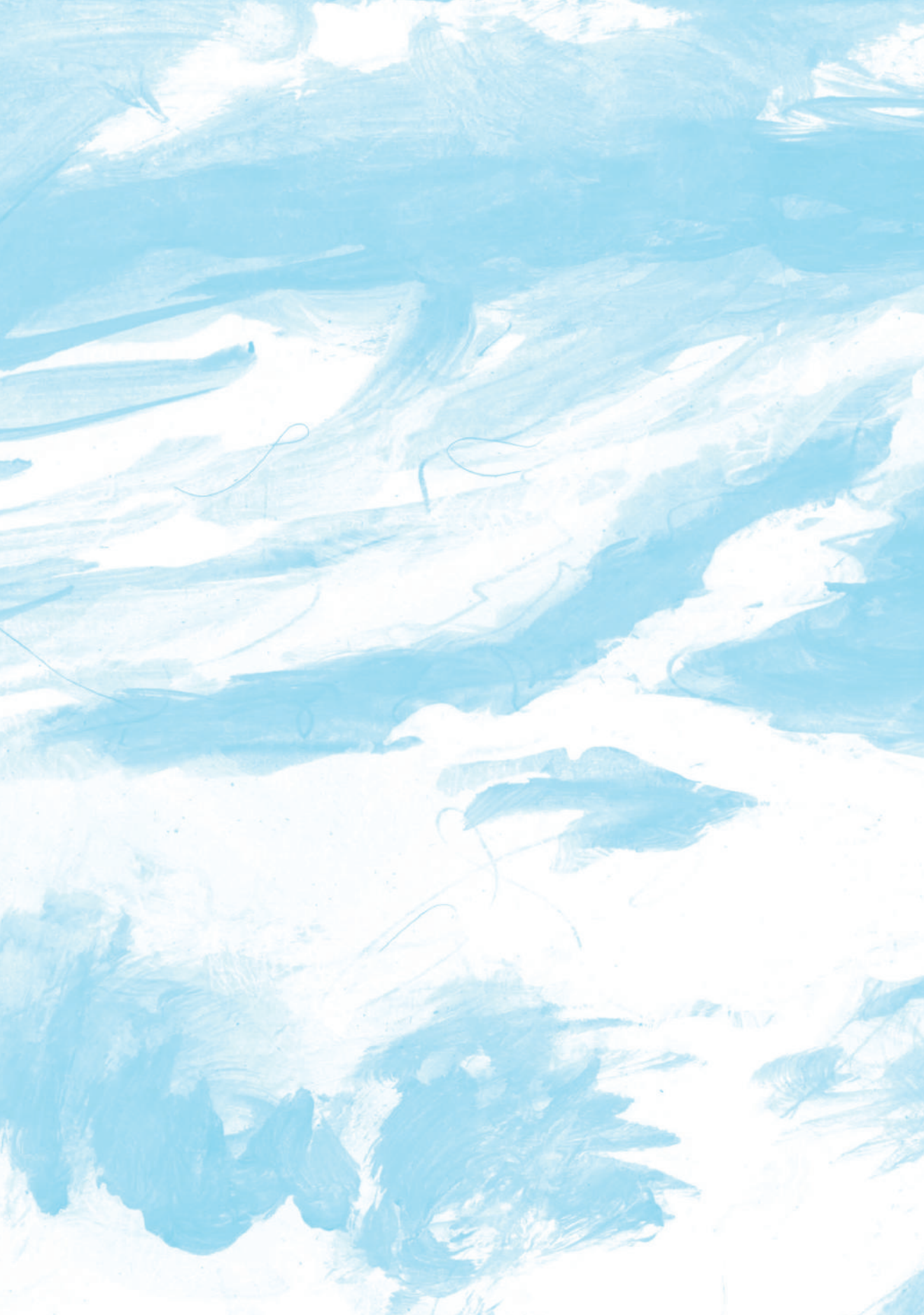
Apresentar noções básicas de arqueologia para crianças, em linguagem simples e didática, sempre foi uma tarefa difícil para um especialista nessa área, e, por isso, poucos são os que se atreveram. As raras publicações existentes confirmam esse fato. A dificuldade aumenta mais se o objetivo é despertar um olhar diferenciado da garotada, direcionado para uma nova leitura dos documentos arqueológicos e, especialmente, para a proteção deles enquanto patrimônio cultural.

Getúlio Alípio Xavier, arqueólogo de formação e educador por vocação, reúne as condições mais apropriadas para executar a empresa de escrever para crianças. Conhece muito bem os dois campos de atuação, arqueologia e educação. Com seu texto e com as ilustrações alusivas, conduz suavemente o leitor a voar na imaginação através de um lugar, um momento e uma situação que parecem sair de um cotidiano totalmente familiar. Qualquer menino leitor se identificaria com os persona-

gens e com o que eles fazem e dizem. Até o sol e a sombra que se projetam nas ruas são vívidos, porque a atmosfera é descrita com as palavras simples do linguajar diário de uma cidade pequena, ao mesmo tempo real e imaginária.

Temos aqui um belíssimo conto que, em breves páginas, relata a descoberta do mundo da arqueologia por parte de duas crianças inteligentes e curiosas: Pedro e Bia. Sem conseguir definir bem o que uma pedra guardada em casa por alguém tem de especial, eles deixam-se levar por essa intuição que só os meninos têm, e reconhecem que esse singelo objeto possui um segredo a ser desvendado. Inquietos, vão atrás de ajuda para decifrar o enigma. A procura é excitante. O encontro com quem pode, finalmente, esclarecer a origem e o significado da tal pedra é o momento culminante do conto. A partir daí, Pedro e Bia não serão mais as mesmas crianças.

Salvador, abril de 2018.



INTRODUÇÃO

Muitas pessoas conhecem o Ceará por seu mar de águas cor de esmeralda e suas dunas de areia branquinha, mas não imaginam um segredo guardado nas terras desse estado: os sítios arqueológicos. Do litoral ao sertão, são encontradas marcas da existência de antigos habitantes que percorreram os mais diferentes lugares, utilizando os recursos que a natureza oferecia e criando o seu universo cultural. Vamos acompanhar Pedro e Bia na descoberta desse segredo, guiados por um único e pequeno fragmento de pedra.



PEDRAS E PEDREGULHOS











No fundo escuro da despensa, Pedro encontra uma caixa empoeirada, cheia de coisas velhas e teias de aranha. Curioso como só ele, procura algum brinquedo, mas é surpreendido por sua mãe:

— Largue essa caixa, Pedro! Vai tudo para o lixo, eu não quero mais bugigangas aqui em casa!

Sem dar muita atenção à dona Luísa, Pedro fala:

— Olha o que encontrei, uma pedra, que diferente!

— Deixe isso aí!

— Mas, mãe, olha como ela é estranha. Você sabe de onde é?

— Deve ser obra de seu tio João, ele pega tudo o que acha na rua e traz para casa. Devolve, eu vou perguntar para ele.

Pedro, já de saída, grita:

— Pode deixar, eu descubro sozinho. Tchau, mãe!







No esconderijo onde guarda seus tesouros, debaixo de uma moita de melão São Caetano, Pedro busca sua coleção de pedrinhas e vai comparando, uma a uma, com a nova descoberta. Também vasculha os cadernos e livros que há por ali, mas não acha nada sobre aquela "gelatina de ameixa congelada". Depois de um tempo, desiste:

— É, difícil... Vou pedir ajuda para a Bia! Ela vai gostar de resolver esse mistério comigo. — Em sua bicicleta, segue para a casa da amiga, na rua coberta pela sombra fresca das caramboleiras. Pedala cheio de ideias, voando sobre os paralelepípedos: será que a pedra veio do espaço? Podia ser um fragmento de meteoro... Ou pode ter vindo de perto, daquelas pedras escuras que ficam na praia. A Bia vai me ajudar!







DETETIVES EM AÇÃO









Pedro pula a janela do quarto de Bia, com a pedra na mão:

— Olha o que eu encontrei!

— Ai, que susto! O que é isso? Um dente de dinossauro?

— Não, acho que é uma pedra do espaço.

Bia toma a pedra da mão do amigo e os dois passam um tempão discutindo sobre a "coisa", o "dente", a "pedra" etc. Para ajudar a pensar melhor, arranjam um cacho de pitombas bem gostoso: plic, ploc, ploc (estrela cadente?); ploc, plic, ploc (um canino, um molar?); ploc (não sei!). Então, Bia tem uma ideia:

— Ei, vamos falar com o professor Júlio, ele pode saber o que é isso.

— É mesmo, vamos lá!

O professor Júlio ensina na escola do bairro. Ele é apaixonado por ciência, vive pesquisando os assuntos mais variados. É também um aventureiro que já viajou pelo mundo afora e até fez uma travessia no mar em um pequeno veleiro.


ANATOMY

Quando Pedro e Bia chegam à casa do professor, vão até o portão dos fundos e batem palmas, mas ninguém responde. Eles resolvem entrar e veem, logo adiante, um quartinho com telhado quebrado, o laboratório onde o professor guarda todas as suas engenhocas. As crianças chamam Júlio pela porta que estava aberta: lá de dentro, uma voz responde, abafada:

— Quem é?

— O Pedro e a Bia, professor, podemos entrar?

— Venham!









No laboratório, Júlio estava na penumbra, preso pelas pernas, de ponta à cabeça e com uma máscara estranha cobrindo o rosto:

— Não reparem, estou fazendo uma experiência sobre como os quirópteros, digo, morcegos, comportam-se quando estão dormindo. Mas não é fácil raciocinar de cabeça para baixo, precisarei rever os meus métodos!

Bia, meio assustada, meio sorridente, mostra a pedra ao mestre excêntrico:

— Olha, professor, o Pedro encontrou um dente de dinossauro!

— Eu acho que é uma pedra do espaço — diz Pedro.

Depois de descer pela corda, o professor senta-se junto dos amigos e fica examinando a pedra com uma lupa: tira as suas medidas, dá-lhe umas batidinhas para ouvir o som,

confere o seu peso:

— Vixe, não é dente nem estrela cadente. Penso que seja uma coisa feita há muito, muito tempo.

— O que, professor?

— Você já ouviram falar de arqueologia?







CACOS, PEDRAS E MIL DINOSSAUROS





O professor pede que as crianças voltem no dia seguinte, bem cedo, para fazer um passeio:

— Vou levá-los a um lugar onde vão aprender mais sobre a sua pedra.

Naquela noite, o sono passa longe de duas casas do bairro. Mal o sol desponta, Pedro e Bia pulam de suas camas e correm para se encontrar em frente à casa de Júlio. O professor aparece com chapéus, galochas e luvas para os aventureiros:

— Vamos a uma pesquisa de campo, vocês precisam se proteger.

Todos embarcam na velha *Ford Rural 65*, a "Filó", e pegam a estrada. Pedro retoma a discussão sobre a sua pedra:

— O professor já disse que ela não veio do espaço, mas seria fantástico se a NASA quisesse estudá-la, hein? Nós ficaríamos famosos, Bia!

— Muito mais fantástico seria se fosse dente mesmo. Andei imaginando como o pobre dinossauro teria ficado banguela: comendo manga, caindo de cara no chão... Ou então é um canino de leite esquecido pela fada do dente.





— Eu falei, pessoal, nem dente nem estrela cadente — diz Júlio. — Nós vamos encontrar uma amiga minha, uma pesquisadora muito inteligente, ela é arqueóloga e conhece coisas como essa.

Seguem na estrada que leva à praia. A cidade vai ficando para trás, um cheirinho de mar entra pelas janelas da Filó. Dunas aparecem no horizonte e vão crescendo, rapidamente. Júlio avisa:

— Chegamos!



Ao desembarcarem, os três podem ver lá embaixo, ao pé de um dos morros, várias pessoas cavando alguns buracos no chão, utilizando pequenas pás, baldes e pincéis. Uma delas acena para os visitantes, o professor Júlio diz para Bia e Pedro que é a arqueóloga Vera. Ela vem até eles.

— Olá, Júlio! Quem são os seus amigos?

— Bia e Pedro, eles estão curiosos sobre o trabalho de arqueologia.

— Estamos sim, dona Vera... Vocês estão desenterrando dinossauros ali embaixo, é? — fala Bia, sem demora.

— Claro que não, eles devem estar procurando um tesouro de pirata — emenda Pedro. Júlio e Vera sorriem.

— Crianças, mostrem para Vera o que vocês acharam — diz Júlio.





A arqueóloga recebe e examina por um instante a pedra, depois pergunta aos dois amigos:

— Então, vocês gostam de dinossauros e de tesouros de piratas?

— Sim, dona Vera! — respondem Pedro e Bia ao mesmo tempo.

— Pois eu vou ter de informá-los: este sítio arqueológico era o acampamento de um grupo de pessoas que viveram há centenas de anos. Não eram piratas, eram habitantes destas terras antes de os navegadores europeus chegarem. Também não conheceram os dinossauros, que deixaram de existir épocas atrás.

— Mas, dona Vera, eles não caçavam dinossauros? — quer saber Bia.

— Não, Bia, os dinossauros desapareceram mais ou menos 65 milhões de anos antes de os homens caminharem sobre o nosso planeta.

— Nossa, 65 milhões?!

— Sim. O cientista que estuda dinossauros chama-se paleontólogo. Ele pesquisa o passado da vida na Terra e o seu desenvolvimento ao longo do tempo, através dos fósseis de animais e plantas. Nós, arqueólogos, estudamos outro assunto.

— Qual?

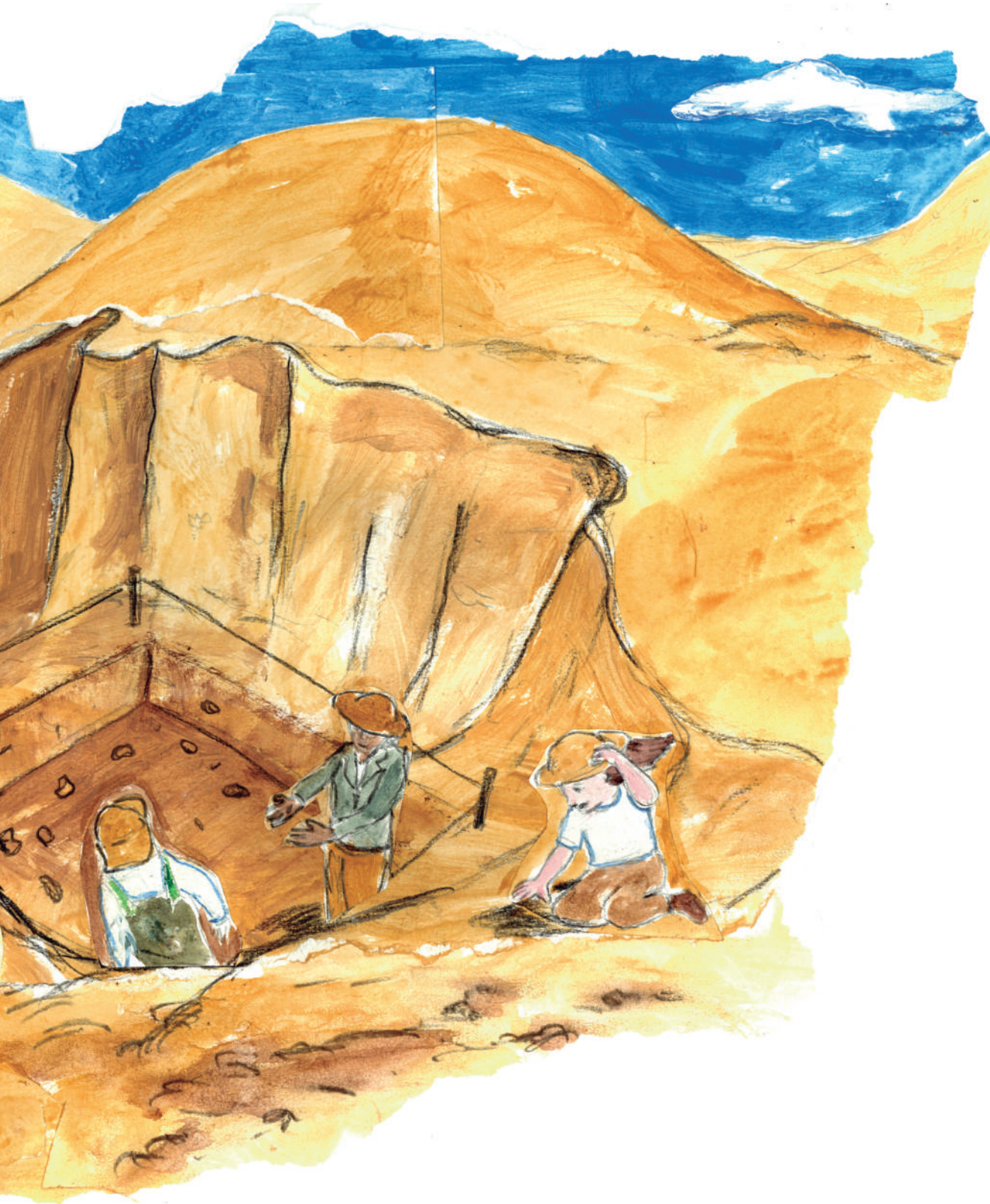
— Vamos até a escavação, Pedro, vou lhes mostrar.

Os quatro descem a duna e se aproximam com cuidado da trincheira aberta na areia fofa. Vera mostra a área escavada às crianças e pergunta:

— O que vocês estão vendo ali?

— Olha, Bia, tem umas pedras parecidas com a minha — diz Pedro, chamando a atenção da amiga.





— São artefatos líticos, Pedro, objetos feitos em pedra, como o seu.

— Incrível, dona Vera! — exclama Bia.

— Vocês gostariam de saber como fazemos a escavação?

— Sim! — respondem Pedro e Bia sem demora.

— Antes é preciso aprender algumas palavras novas: a primeira é estratigrafia. Essa palavra é formada por duas outras: estrato, ou camada, e grafia, que é a escrita de algo. Assim, ela quer dizer a "escrita das camadas". Em arqueologia, utilizamos a estratigrafia para estudar as várias camadas do terreno e o material que encontramos em cada uma delas. Por isso, nossas escavações são feitas lentamente, com pequenas retiradas de terra que chamamos decapagens.







— Mais uma palavra nova, dona Vera! — fala Pedro.

— É mesmo. Vamos lá, decapagem significa "retirar uma camada de algo" ou, no nosso caso, "retirar uma camada de terra". Entendido?

— Entendido — repete Bia, entre sorrisos.

— Sempre que identificamos algum objeto, mesmo um pequeno pedaço, que possa ter sido deixado pelo homem, chamamos de vestígio arqueológico. Nós o registramos com fotos, desenhos e filmagens. Depois, eles são recolhidos e levados para estudos em laboratório.

O professor Júlio acrescenta:

— Vejam, amigos, as decapagens realizadas pelo arqueólogo são como recuos na linha do tempo, e as descobertas feitas na escavação nos revelam os modos de vida das pessoas do passado: o que elas produziam, consumiam e descartavam.

— Puxa, dona Vera, o que eles faziam aqui na praia? Estavam de férias? — questiona Bia. Vera acha engraçado:

— A vida era muito diferente para aquelas pessoas. Elas não andavam apenas no litoral, mas pelas planícies do sertão, nas serras, nas margens dos rios e das lagoas.

Pedro e Bia ficam imaginando esses homens e essas mulheres do passado, de hábitos tão diferentes! Bia comenta:

— O que vocês descobriram aqui, dona Vera?

— Descobrimos que neste sítio, durante muito tempo, viveram ou transitaram pessoas que aproveitavam os recursos marinhos e a fauna local, e que também deviam apreciar a beleza que vemos aqui. Elas deixaram para trás objetos que resistiram à passagem do tempo, como esses instrumentos de pedra lascada e pedaços de potes cerâmicos.

— É uma pena que eles não tivessem televisão, nem internet! — Pedro fala, como se pensasse em voz alta. O professor Júlio lhe responde:

— Não, mas eles também produziam e utilizavam imagens, como uma forma de comunicação.

— Onde vocês encontram essas imagens, dona Vera?





— Em vários lugares, Pedro. Vocês já ouviram falar de arte rupestre? São muitos os nomes populares dados à arte rupestre, como "pintura de índio" ou "pedra do letreiro". Rupestre quer dizer feito na rocha, então arte rupestre é o nome que se dá para pinturas e gravuras feitas nos blocos rochosos existente nos vales, nas montanhas, nas margens de rios e lagos.

— E o que os humanos do passado pintavam? — pergunta Bia.

— Nós reconhecemos figuras de alguns animais, plantas e formas humanas — responde Vera. — Outras figuras fogem ao nosso entendimento. Lembrem-se, essa arte representa a vida de comunidades que desapareceram e levaram consigo segredos de sua forma de pensar e se expressar.

Vera olha novamente a pedra trazida pelas crianças, girando-a em sua mão:

— Mas é preocupante saber que muitas informações sobre os nossos antepassados estão sendo perdidas ou destruídas, antes que possamos estudá-las.







PATRIMÔNIO EM APUROS



— Quem está destruindo os... Como a senhora chama? Sítios arqueológicos?

— Bia, eu não expliquei esse termo para vocês, hein. Creio que os dois já compreenderam sobre o que a arqueologia trata, mas vejamos o que significa a palavra: *arqueo* significa "antigo" e *logos* significa "estudo". Ou seja, "estudo do antigo".

Falando mais precisamente, a arqueologia estuda todos os lugares e vestígios materiais abandonados pelos homens no solo ou sob as águas. Pode ser a estrutura de uma casa, uma moeda, ou mesmo restos mortais.

Nós chamamos a maioria desses vestígios de "artefatos".

— Sim, você disse que a pedra que achei é um artefato lítico! — diz Pedro sem demora.

— Exatamente. Sítio arqueológico é, portanto, o lugar onde se encontram os vestígios ou artefatos arqueológicos.

— Eu não sei onde fica o sítio da pedra que lhe entregamos, dona Vera.

— Infelizmente, Pedro, agora é quase impossível descobrir. Sozinho, um artefato o perde muitas das informações que poderia nos revelar. Por isso, ele passa a ser um "objeto de curiosidade". Para a ciência, e para a nossa cultura, o desaparecimento de sítios é bastante grave... Você perguntou quem está destruindo os sítios, não foi, Bia?

— Foi!

— Os sítios sofrem com a ação da natureza, dos ventos, das águas que lavam o solo. Mas,







atualmente, a nossa maior preocupação é a destruição de sítios pelos próprios seres humanos.

— E por que as pessoas destroem os sítios? — questiona Pedro.

— Em muitos casos, nós os destruímos por desconhecimento, quando fazemos nossas casas, estradas, plantações, cavando ou revirando a terra no dia a dia. Outras vezes, quando as pessoas encontram por acaso um artefato e o guardam como uma lembrança ou enfeite.

Pedro pensa em seu tio e fica sem jeito.

— Existe um órgão que cuida dos achados arqueológicos no país, ele se chama Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ou, simplesmente, Iphan.




IPHAN

— Tem Iphan aqui no Ceará, dona Vera? — pergunta Pedro.

— Sim, e em todos os outros estados também.

— Eu gostaria de ajudar a cuidar dos sítios arqueológicos! — diz Pedro, decidido.

— Eu também! — fala Bia.

— Que bom, vocês podem sim.

— Como, dona Vera?

— Vejamos, Pedro... vocês podem falar para os seus amigos e para a sua família o que aprenderam sobre arqueologia. É um bom começo, não é, Júlio?

— Sim, Vera. Esse tema é tão importante, vamos levá-lo para a sala de aula! E se você pudesse ir à escola para conversar com os colegas do Pedro e da Bia?

— Claro, eu gostaria.

Pedro interrompe:

— Pois eu vou avisar ao meu tio João para deixar os artefatos em paz, daqui por diante. Vou dizer que eles são assunto para a arqueóloga Vera.

Todos riem com a firmeza de Pedro, menos ele, que sentia um pouco de vergonha.

Vera depois levou os visitantes para conhecer seus colegas de escavação e o trabalho que eles realizavam.

No fim do dia, Júlio, Pedro e Bia se despediram, voltaram para a Filó e rumaram para casa. O sol caía atrás das dunas, o mesmo cheiro salgado continuava vindo do mar. Pela estrada, os dois pequenos amigos não falavam mais de dinossauros nem de pedras do espaço, mas de sítios arqueológicos, arte rupestre, artefatos líticos, todo aquele novo velho mundo que haviam descoberto.







PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Miguel Elias Temer Lulia

MINISTRO DA CULTURA
Sérgio Sá Leitão

PRESIDENTE DO IPHAN
Kátia Santos Bogéa

PROCURADOR-CHEFE DA PROCURADORIA FEDERAL
Heliomar Alencar

DIRETOR DO DEP. DE ARTICULAÇÃO E FOMENTO
Marcelo Brito

DIRETORA DO DEP. DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Hermano Fabrício Oliveira Gaunais e Queiroz

DIRETOR DO DEP. DE PATRIMÔNIO MATERIAL E FISCALIZAÇÃO
Andrey Rosenthal Schlee

DIRETOR DO DEP. DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Marcos José Silva Rêgo

SUPERINTENDENTE DO IPHAN NO CEARÁ
Otacílio José Pinheiro Macedo

CHEFE DA DIVISÃO TÉCNICA DO IPHAN NO CEARÁ
Ítala Byanca Morais da Silva

CHEFE DA DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO IPHAN NO CEARÁ
Francisca Azevedo Mota

TEXTO
Getúlio Alípio Xavier de Jesus Santos

ILUSTRAÇÕES (CAPA E MIOLO)
Jeferson Tadanori Sobral Hamaguchi

PREFÁCIO
Carlos Etchevarne

SUPERVISÃO TÉCNICA
Verônica Pontes Viana

REVISÃO TÉCNICA
Cristiane de Andrade Buco
Thalison dos Santos

REVISÃO TEXTUAL
Joísa da Silva Alves
Isabel Ferreira Lima

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA
Alexandre J. M. Jacó

Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica feita por Elisabete Gonçalves CRB3-940/06

S237p Santos, Getúlio Alípio Xavier de Jesus, 1980 –

Pedro e a pedra: uma aventura arqueológica no Ceará / Getúlio Alípio Xavier de Jesus Santos ; ilustrações Jeferson Tadanori Sobral Hamaguchi. – Fortaleza : Iphan, 2018.
80 p.: il.

ISBN–978–85–7334–339–7

1. Literatura infantojuvenil I. Patrimônio arqueológico II. Título

CDD 028.5
CDU 82.93

Este livro foi composto nas fontes Fertigo e Mr Eaves. Tiragem de 1.000 exemplares impressa sobre papel offset 180g, na gráfica MPA VALENTE SERVICE, em novembro de 2018.

Getúlio Alípio Xavier, arqueólogo de formação e educador por vocação, reúne as condições mais apropriadas para executar a empresa de escrever para crianças. Conhece muito bem os dois campos de atuação, arqueologia e educação. Com seu texto e com as ilustrações alusivas, conduz suavemente o leitor a voar na imaginação através de um lugar, um momento e uma situação que parecem sair de um cotidiano totalmente familiar.

CARLOS ETCHEVARNE, 2018.

IPHAN MINISTÉRIO DA CULTURA BRASIL GOVERNO FEDERAL